

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Portugal : O País Que Perdoa Sempre ao Mesmo Rosto

Publicado em 2026-03-15 12:15:07



Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

proximidade, “selfies” e “afectos”, amplamente explorada mediaticamente.

- O caso das gémeas luso-brasileiras tornou-se uma das maiores sombras políticas da sua presidência.
- A polémica da indemnização de Alexandra Reis mostrou, mais uma vez, um Presidente omnipresente no comentário e na gestão do dano político.
- Parte relevante do jornalismo português preferiu a narrativa afectiva ao escrutínio severo.
- O problema não é apenas um homem: é um país treinado para desculpar o poder quando este se apresenta com simpatia televisiva.

O País Que Perdoa Sempre ao Mesmo Rosto

*Em Portugal, o poder não precisa de ser exemplar:
basta-lhe ser afável, fotogénico e omnipresente. E*

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Portugal tem um dom estranho, quase místico, para transformar a fragilidade institucional em doçura pública. Noutros lugares, uma presidência marcada por excessos de exposição, polémicas familiares, episódios embaraçosos e comentários incessantes seria lembrada com dureza. Entre nós, não. Entre nós, embrulha-se tudo em sorrisos, em folclore de telejornal, em selfies, em afectos, em frases leves para consumo rápido, como se a leveza fosse virtude e a onnipresença uma forma superior de serviço público.

Marcelo Rebelo de Sousa foi vendido ao país como o Presidente próximo, caloroso, humano, desempoeirado. E, durante demasiado tempo, isso bastou. Bastou aos jornalistas, que viram na sua hiperactividade uma mina permanente de títulos, directos e soundbites. Bastou ao regime, que ganhou um rosto simpático para mascarar a pobreza da sua engrenagem. E bastou a um povo cansado, pobre, órfão de exigência cívica, que preferiu confundir empatia teatral com grandeza institucional.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

a diariamente. Comentou quase tudo, apareceu em toda a parte, reagiu a cada sobressalto nacional como se a chefia do Estado fosse uma mistura de comentador residente, animador cívico e figura tutelar omnipresente. Esta fórmula produziu popularidade. Mas também degradou a própria percepção do cargo. Um Presidente que fala de tudo arrisca-se a esvaziar o peso de quase tudo. A palavra, repetida até à exaustão, deixa de ser magistratura e passa a ser ruído de fundo.

O problema é que Portugal, país amante da familiaridade e pouco dado à disciplina institucional, recebeu essa erosão como virtude. A distância que o cargo exige foi sendo substituída por uma falsa intimidade nacional. Belém desceu do pedestal republicano para a sala de estar do país. E muitos acharam isso moderno, terno, quase enternecedor. Na verdade, era apenas o princípio da banalização.

O caso das gémeas: a sombra que devia ter quebrado o encantamento

O caso das gémeas luso-brasileiras tratadas com um dos medicamentos mais caros do mundo foi o momento em que a presidência dos afectos encontrou a parede fria da suspeita. A polémica envolveu contactos próximos do poder, a

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Numa democracia com nervo moral, isto teria produzido uma ruptura séria entre imagem e legitimidade. Não se exigia histeria; exigia-se apenas severidade. Mas Portugal, esse velho país de indulgências selectivas, preferiu mais uma vez o conforto à lucidez. Houve escândalo, claro. Houve indignação, sim. Mas tudo em doses controladas, sem abalo sísmico, sem verdadeira revolta cívica, sem o tipo de escrutínio que fere e deixa marca.

O mais simbólico nem sequer foi o episódio em si. Foi a reacção do ecossistema mediático e popular: uma espécie de espanto breve, seguido de uma lenta reabsorção do escândalo pela espuma do costume. Em Portugal, até as sombras acabam convidadas para a fotografia de família do regime.

Alexandra Reis, TAP e a república do comentário permanente

A polémica da indemnização da TAP a Alexandra Reis mostrou outro traço da era Marcelo: a incapacidade de resistir ao impulso de comentar, enquadrar, classificar, dramatizar. O Presidente surgia de novo como voz tutelar da interpretação nacional, pairando sobre o episódio com

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

incessante na administração simbólica de cada crise, o cargo perde altitude. Já não arbitra: narra. Já não representa: acompanha. Já não impõe distância: instala proximidade. E a proximidade, quando se torna vício institucional, acaba por proteger mais o sistema do que o povo.

O jornalismo domesticado e o povo resignado

Mas seria injusto colocar tudo às costas de Marcelo. O seu verdadeiro aliado foi um certo jornalismo de regime — jornalismo de adorno, de corte, de almofada, de reverência sorridente. Em vez de vigiar o poder, acompanhou-o. Em vez de desconstruir a pose, amplificou-a. Em vez de tratar a Presidência como um órgão constitucional submetido a escrutínio rigoroso, ajudou a fixá-la como uma espécie de património sentimental da nação.

E o povo? O povo pobre, cansado, ferido pela precariedade, pela impotência e pela lenta degradação da vida pública, agarrou-se também a esse teatro. Não por maldade. Talvez por hábito. Talvez por carência. Talvez porque, num país onde quase tudo falha, até a simpatia encenada parece uma forma de consolo. O drama é que esse

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

dos seus aparelhos, mas pela doçura do seu verniz. Não apenas pela captura das instituições, mas pela captura emocional do olhar popular. Portugal não precisa de grandes arquitectos da manipulação; basta-lhe esta velha mistura de paternalismo, comentariado cúmplice e povo habituado a sofrer em silêncio, de quando em quando interrompido por um aplauso.

Conclusão: a ternura nacional ao serviço da decadência

No fundo, a história de Marcelo é apenas a história de um país que continua a premiar a aparência de humanidade acima da densidade do carácter institucional. Um país onde um Presidente pode atravessar polémicas sérias e continuar a ser embalado pela indulgência de redacções amaciadas e pelo afecto automático de uma sociedade domesticada.

Eis a nossa miséria política em forma pura: não odiamos o poder que nos diminui; acariciamo-lo. Não nos revoltamos contra a mediocridade elegante; acolhemo-la. Não exigimos grandeza republicana; contentamo-nos com simpatia de superfície. Assim vai Portugal — de afecto em afecto, de escândalo em escândalo, de absolvição em absolvição — até

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

RTP — Marcelo ensaiou com selfies a presidência dos “afectos”

https://www.rtp.pt/noticias/politica/marcelo-ensaizou-com-selfies-a-presidencia-dos-afetos_n1706495

RTP — Caso das gémeas. A “situação desagradável” que abalou o Presidente Marcelo e o levou a “cortar” relações com o filho

https://www.rtp.pt/noticias/pais/caso-das-gemeas-a-situacao-desagradavel-que-abalou-o-presidente-marcelo-e-o-levou-a-cortar-relacoes-com-o-filho_n1723088

RTP — Marcelo pede esclarecimentos sobre critério da indemnização de Alexandra Reis

https://www.rtp.pt/noticias/politica/marcelo-pede-esclarecimentos-sobre-criterio-da-indemnizacao-de-alexandra-reis_v1456105

Citador / Eça de Queirós — Política de Interesse

<https://www.citador.pt/textos/politica-de-interesse-eca-de-queiros>

“Em Portugal não há sciencia de governar nem há sciencia de organizar opposição.”

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Fragmentos do Caos | Crónica editorial

Nota Editorial

Portugal tornou-se perito numa arte triste: a de confundir simpatia com estatura, presença mediática com grandeza institucional, e verniz humano com responsabilidade pública. Durante demasiado tempo, o país deixou-se embalar por gestos, afectos e encenações de proximidade, enquanto a exigência republicana ia sendo empurrada para o canto escuro onde se arrumam as virtudes incómodas.

O problema nunca foi apenas um Presidente. O problema é um ecossistema inteiro de complacência — jornalistas que adocicam o poder, comentadores que o maquilham, e um povo exausto que, tantas vezes, já nem pede grandeza: contenta-se com o teatro. É assim que a decadência se normaliza. Não com golpes de Estado, não com tanques, não com fanfarras dramáticas — mas com sorrisos, desculpas, afectos e uma espantosa capacidade nacional para absolver o que devia ser julgado com dureza moral e cívica.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

colectiva. E enquanto assim for, Portugal continuará a afundar-se não na violência da tirania, mas na lama morna da mediocridade consentida.

Há povos que derrubam mitos quando estes falham. Portugal, demasiadas vezes, limita-se a pedir-lhes mais uma fotografia.

Eça de Queirós: um espelho cruel de Portugal

Há textos que envelhecem. E há textos que apodrecem connosco, porque o país insiste em não sair do mesmo pântano moral e político. Este trecho de Eça de Queirós não é apenas literatura: é um raio X demolidor de Portugal, ontem como hoje. Nele está tudo — a desconfiança do povo, a mediocridade dos governantes, a esterilidade das discussões, a circulação viciada do poder entre os mesmos, e a exaustão de uma pátria cansada de promessas, de retórica e de decadência.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

serve sobretudo para se proteger a si mesmo, quando as medidas que poderiam melhorar a vida dos cidadãos dormem em gavetas eternas e só avança com fulgor aquilo que os empobrece, a política deixa de ser caminho de salvação colectiva e torna-se simples administração do desgaste nacional.



”

Acho que
não ficamos
cegos, acho
que estamos
cegos, cegos que
veem, cegos
que, vendo,
não veem.

José Saramago

Esta é talvez a frase invisível que atravessa todo o excerto: em Portugal, há sempre energia para cobrar, controlar, tributar e conservar privilégios; mas falta

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

passado — descreve a permanência quase obscena da nossa miséria cívica.

“O que verdadeiramente nos mata, o que torna esta conjuntura inquietadora, cheia de angústia, estrelada de luzes negras, quase lutuosa, é a desconfiança.”

E talvez seja essa a mais terrível continuidade portuguesa: um país onde os nomes mudam, os partidos trocam cadeiras, os discursos reciclados regressam com nova maquilhagem, mas a estrutura profunda permanece — fraca, viciada, teatral, auto-protectora. Eça não escreveu apenas sobre o seu século. Escreveu, com uma crueldade luminosa, sobre a longa fadiga de Portugal.

Ler Eça hoje não é revisitar o passado. É ouvir, com um século de atraso, a sentença que continuamos a merecer.



GitHub Pages



CodeBerg Pages

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.